

# Orações consecutivas finitas em Português Europeu: uma análise sintática<sup>1</sup>

*Ana Maria Brito*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CLUP

*Gabriela Matos*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / CLUL

## **Abstract:**

In this paper we analyse antecedent and free consecutives. In consecutives with overt antecedents, we adopt the split degree hypothesis of Corver (1993, 1997a, b 2013), which has the advantage of separating determiner-like degree word and quantifier-like words. We also adopt Kennedy's (1997, 1999) and Corver's (2013) hypotheses that consecutive CPs are adjuncts that act as modifiers of a DegP, which form a unit with the degree/quantifying word at the level of LF. This analysis is extended to free consecutive clauses. We claim that in free consecutives the gradable expression is an elided constituent included in the sentence that contains the consecutive CP, whose content must be recovered by (an element of) the sentence to which it is paratactically related.

**Keywords:** antecedent and free consecutive clauses, split Degree hypothesis, subordination, parataxis

**Palavras-chave:** orações consecutivas com antecedente e livres, hipótese do Grau dividido, subordinação, parataxe

## **1. Introdução**

As orações consecutivas exibem propriedades sintáticas que, em certos aspetos, continuam pouco conhecidas. Assumindo o quadro generativo, o objetivo deste texto é analisar dois tipos de orações consecutivas finitas, focando em particular o Português Europeu: as consecutivas com antecedente explícito em (1), que apresentam uma expressão adjetival, nominal, adverbial ou verbal afetada por uma expressão de grau / quantidade / intensidade; e as consecutivas em (2), cuja expressão de grau / quantidade / intensidade seguida da oração consecutiva não é explicitada

---

<sup>1</sup> Versões prévias deste trabalho foram apresentadas no *7EGG*, realizado em 29-31 julho de 2015 no Museo de Libro y de la Lengua, Buenos Aires e no *XXXI ENAPL BRAGA*, 28-30 de outubro de 2015. Agradece-se às audiências desses dois eventos os comentários e as sugestões. Agradecemos igualmente a dois revisores do presente texto as observações que nos fizeram. Por limites de espaço, as orações consecutivas não finitas não serão aqui analisadas. Sobre a sintaxe dessas relativas ver Brito & Matos (2016).



na frase a que se reporta. Designaremos as primeiras como consecutivas de antecedente e as segundas como consecutivas livres.

- (1) a. Eu estou tão cansada que não me consigo mexer.  
b. Eu li tantos textos que tenho os olhos cansados.  
c. Ela trabalhou tão bem que escreveu dois capítulos da tese.  
d. O miúdo cresceu tanto que não há roupa que lhe sirva.
- (2) Os miúdos portaram-se mal. De tal modo que os pais foram chamados à escola.

Os estudos sintáticos raras vezes fazem a distinção entre orações consecutivas e orações comparativas, sendo consideradas ambas construções de graduação (Abney 1987, Corver 1997a, b, 2013; Grosu & Horvath 2006), e as consecutivas livres são muitas vezes negligenciadas. Contudo, semanticamente, as orações em (1) e em (2) podem ser classificadas como consecutivas, porque partilham a propriedade de apresentar uma graduação ou quantificação sobre propriedades (1a), sobre entidades (1b), sobre situações (1d) ou sobre propriedades de situações ((1c), (2)) e exprimem uma consequência ou um resultado dessa graduação/quantificação (Álvarez 1999 para o Espanhol, Giusti 1991 para o Italiano, Cunha *et al.* 2010 e Marques 2013 para o Português Europeu).

Do ponto de vista da sintaxe, estes dois subtipos apresentam propriedades que justificam várias perguntas: (i) Qual a natureza categorial do conector consecutivo *que*? (ii) Como deve ser descrita a correlação entre a expressão de grau/ quantidade / intensidade e a oração consecutiva? (iii) Será possível fazer um tratamento unificado para os dois tipos de orações consecutivas em análise?

Neste estudo proporemos uma análise sintática das consecutivas finitas em Português Europeu. Exploraremos a hipótese de Corver acerca do “sistema de grau cindido” (1993, 1997a, b, 2013), juntamente com a ideia de Kennedy (1997, 1999) de que as consecutivas são adjuntas a



DegP e formam um constituinte com esse DegP em Forma Lógica<sup>2</sup>; deste modo, evita-se um mecanismo de extraposição para dar conta da ordem de palavras nas consecutivas. Estenderemos as propostas principais desta análise às consecutivas livres. Contudo, serão tidas em conta algumas propriedades adicionais que nos permitem captar o facto de estas consecutivas ocorrerem em justaposição à oração que contém a expressão graduável, como em (2). Com efeito, assumiremos que, enquanto nas orações consecutivas com antecedente a relação entre as duas orações é de subordinação/hipotaxe, as consecutivas livres, embora mantenham uma relação de subordinação com um antecedente local elidido, estabelecem com a primeira oração uma relação de parataxe.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: a secção 2 analisa as consecutivas com antecedente; a secção 3 analisa as consecutivas livres e a secção 4 apresenta as principais conclusões.

## 2. As orações consecutivas de antecedente

Nesta secção propor-se-á uma análise sintática das orações consecutivas com antecedente em Português Europeu, partindo das análises clássicas sobre este tema que têm sido apresentadas para várias línguas.

### 2.1. As orações consecutivas de antecedente são CPs dependentes da expressão de grau

As orações consecutivas em análise são CPs que têm como núcleo o complementador *que* com traços [+finito, +declarativo] e dependem de uma frase que contém uma palavra de quantidade /grau / intensidade (*tão, tanto, tal*), que afeta uma expressão graduável ou escalar que pode ser de categoria variável: A, N, ADV, V (para o Português Europeu ver Brito 2003; Cunha *et al.* 2010; Fonseca 1994; Martinho 2007; Marques 2013), tal como ilustrámos em (1) e que aqui renumeramos de (3) a (6):

<sup>2</sup> Neste artigo mantemos as siglas em Inglês, tal como a maioria dos autores consultados: TP - Sintagma Tempo, CP – Sintagma Complementador; DegP – Sintagma Grau; NP – Sintagma Nominal; VP – Sintagma Verbal; AP – Sintagma Adjetival; PP – Sintagma Preposicional; ADVP – Sintagma Adverbial.



- (3) Eu estou tão ~~terrivelmente~~ cansada<sub>A</sub> que não me consigo mexer.
- (4) Eu li tantos textos<sub>N</sub> que tenho os olhos cansados.
- (5) Ela trabalhou tão bem<sub>ADV</sub> que escreveu dois capítulos da tese.
- (6) O miúdo cresceu<sub>V</sub> tanto que não há roupa que lhe sirva.

Para dar conta, do ponto de vista sintático, desta dependência entre consecutivas e a expressão de intensidade e a ordem de palavras que exibem, diferentes hipóteses têm sido propostas na literatura.

### 2.2.1. A consecutiva CP é nó irmão de Grau e A

Ao analisar a estrutura do AP (sintagma adjetival) tendo como núcleo um adjetivo graduável, Abney (1987) propôs que a projeção (estendida) do A corresponde à categoria funcional DegP. O autor enfatiza as semelhanças entre oração relativas e aquilo que ele designa como “extent clauses”, em que inclui comparativas e consecutivas finitas, como (7):

- (7) Ele é tão trabalhador que tem sempre boas notas.

Abney (1987: 315) sugere uma estrutura tripartida baseada na relação de “irmandade”:

- (8) [DegP [Deg] [A] [CP] ]

Esta estrutura tenta captar que as consecutivas são dependentes de uma expressão de grau e que modificam adjetivos escalares ou graduáveis. Contudo, esta análise apresenta vários problemas: não distingue entre expressões de grau e de quantidade / intensidade; ao propor uma



análise tripartida de DegP, não analisa adequadamente a correlação entre a palavra de grau / quantidade e a oração finita.

Além disso, Abney não faz notar que as consecutivas, tal como as comparativas, podem afetar outros predicados graduáveis, e não apenas adjetivos, como mostrado em (4), (5) e (6) para nomes, advérbios e verbos. Note-se que a mesma crítica pode ser estendida a outros autores que concentraram as suas análises nas construções graduáveis envolvendo apenas adjetivos (Bhatt & Pancheva 2004; Corver 1993, 1997a, b, 2013; Kennedy 1997, 1999, entre outros).

### 2.2.2. *As orações consecutivas finitas são complementos de Deg/Q*

Desenvolvendo ideias de Bresnan (1973) e Heim (2000), Bhatt & Pancheva (2004) propõem uma alternativa a (8), para as consecutivas que envolvem adjetivos: consideram que a oração comparativa / consecutiva é selecionada como um complemento de Grau, analisado como uma categoria que contém traços de quantidade e que seleciona uma oração. De acordo com os autores, DegP é projetado como especificador de um predicado graduável, selecionando, por sua vez, a oração consecutiva (cf. Bhatt & Pancheva 2004: 9), como descrito em (9):

(9) [AP [DegP<+quant>[Deg<+quant>][oração comparativa / consecutiva]] [A' A]]

Esta configuração estrutural dá conta das restrições de seleção que as expressões de grau impõem (no inglês, *as ...as*; *more...than*, etc.). Contudo, como sabemos, em línguas como o Português e o Inglês o especificador precede imediatamente o predicado graduável e a oração consecutiva; por isso, esta análise tem a desvantagem de não dar conta da ordem de palavras superficial nestas duas línguas, como é visível pela agramaticalidade de (10):

- (10) a. \*Ele é tão que tem sempre boas notas trabalhador.  
 b. \*Eu li tantos que tenho os olhos cansados textos.  
 c. \*O miúdo tanto que não há roupa que lhe sirva cresceu.



De modo a evitar a descontinuidade entre o predicado graduável e as expressões de grau /quantidade, várias análises assumem que a extraposição tem de aplicar-se, o que é descrito em (11):

- (11) Ele é [AP [DegP[ tão ] [CPque tem sempre boas notas]] [Atrabalhador]]  
 →Ele é [AP [DegP/QP[ [tão]CPi[Atrabalhador] ]][CPi:que tem sempre boas notas]]

Contudo, a extraposição é problemática no atual quadro do Programa Minimalista, que assume que a deslocação não deve ser justificada apenas para obter uma certa ordem superficial de constituintes, mas por razões morfosintáticas ou discursivas/interpretativas.

A análise de Bhatt & Pancheva (2004) para as comparativas tenta ultrapassar este problema. Os autores assumem que o especificador de DegP do predicado é, na mesma, ocupado pela expressão de quantidade, como em (12a). Sendo uma expressão quantificacional, DegP deve elevar-se para uma posição de escopo e por isso adjunge-se à direita à projeção máxima em Sintaxe visível, deixando uma cópia na posição original; devido a restrições morfosintáticas é esta cópia baixa que é pronunciada (*spelled out*), como descrito em (12b). Finalmente, a oração consecutiva CP é inserida tardiamente (*late merged*) como complemento da expressão quantificada elevada mas não pronunciada em DegP, como em (12c):

- (12) a. [AP [DegP<+Quant> [Degtão] ] [A' [A alto] ] ]  
 b. [AP [AP [DegP<+Quant> [Degtão] ] [A' [A alto] ] ] [DegP<+Quant>[Degtão]] ]  
 c. [AP [AP [DegP<+Quant> [Degtão] ] [A' [A alto]]] [DegP<+Quant> [Deg' [Degtão] [oração de grau]]]]

Esta análise dá conta da ordem superficial e fornece motivação para a extraposição: a operação de *late merge* de CP não é estipulada para dar conta da correta ordem de palavras, mas por requisitos de interpretação de vestígio (como proposto por Fox 2002 e Fox & Nissenbaum 1999).

Contudo, esta análise, embora superior à análise clássica por extraposição, também tem os seus problemas. Em particular, a soletração de cópias baixas é controversa. De acordo com o



modelo minimalista atual, em estruturas obtidas por movimento (*Internal Merge*), só a cópia estruturalmente proeminente é pronunciada, exceto em casos de movimento não-explicito (*covert movement*) em Forma Lógica (Chomsky 2013). Assumindo a derivação por fases, só por Transferência para o nível de interface com a interpretação semântica (Forma Lógica), poderia DegP mover-se e adjungir-se à direita ao AP. Mas isto causaria problemas à inserção tardia (*late merge*) das orações de grau: se a inserção tardia se aplicasse em Forma Lógica, a oração de grau não seria visível para o nível de interpretação fonológica.

Além disso, Grosu & Horvath (2006), desenvolvendo uma proposta de van Riemsdijk (1998), assumem que, em certas línguas, a restrição sobre a posição dos complementos dos adjetivos e das orações de grau não é devida a extraposição, mas a um efeito de adjacência de núcleo-a-núcleo (*head-to-head adjacency effect*). Considerando as orações comparativas, argumentam que há línguas em que a expressão de grau pode ocupar a posição à esquerda do adjetivo, como em Romeno (13b) e em Húngaro (14b), exemplos de Grosu & Horvath (2006):

- (13) a. Ion este (exact) la fel dedeștept ca tine.  
 Ion é exatamente tão de inteligente como tu  
 ‘Ion é (exatamente) tão inteligente como tu’
- b. (?)Ion este [(exact) la fel ca tine] de deștept.  
 Ion é exatamente tão de como tu de inteligente  
 ‘Ion é (exatamente) tão inteligente como tu’
- (14) a. Mari kevésbé magas [Jánosnál].  
 Maria menos alta João-de
- b. Mari [Jánosnál] kevésbé magas  
 Maria João-de menos alta  
 ‘A Maria é menos alta do que o João.’

Estes dados sugerem que, nas orações de grau, a extraposição de CP por razões de escopo, como proposto por Bhatt e Pancheva, não é compatível com a derivação por fases e pode mesmo enfrentar contra-argumentos empíricos em certas línguas.



### 2.2.3. O sistema de grau cindido (“split degree system”) e as consecutivas como adjunto a DegP

Para ultrapassar o problema da ordem de palavras sem recurso a Extraposição, Kennedy (1997, 1999), restringindo a sua análise às comparativas adjetivais, assumiu que a construção adjetival afetada pelo grau é um DegP cujo núcleo é o grau que seleciona um predicado graduável, neste caso AP, como seu complemento. A oração de grau é concebida como modificador de DegP, composta à direita a Deg’, como em (15). De acordo com Kennedy, a expressão de grau e a oração de grau formam uma unidade só em FL:

(15) [DegP [Deg’ Deg AP] oração de grau ]

A frase (16a) teria assim a expressão (simplificada) descrita em (16b):

- (16) a. Ele é tão alto que a sua cabeça toca no teto.  
b. Ele é [DegP [Deg’ [Degtão] [AP alto]]][CP que a sua cabeça toca no teto]]

Por sua vez, Corver (1997a, b, 2013) apresenta uma análise alternativa das construções graduáveis. Diferentemente da análise clássica, em que as orações que exprimem grau (comparativas e consecutivas) são apenas relacionadas com a categoria funcional de grau, Corver, baseado em dados do Inglês, Neerlandês, Galês e outras línguas, propôs uma análise cindida de DegP. Desenvolvendo uma ideia de Bresnan (1973) (e já trabalhada para o Português por Martinho 2007) acerca da distinção entre palavras de grau de tipo quantificador (*enough, more, less*) e palavras de grau de tipo determinante (*as, so, too, how*), Corver distingue DegP e QP, assumindo que, por exemplo em Inglês, alguns advérbios como *utterly* ou *very* sejam projetados como especificadores de QP, e que *so, how e too* sejam projetados em Degree; vejamos os exemplos em (17):

- (17) a. ... so extremely poisonous  
b. ... so utterly confused that he fell off the podium



- c. ... how very long
- d. ... too much so....

Assim, Corver propõe um sistema a que chama de grau cindido (“*split degree system*”) para as comparativas e as consecutivas, em que DegP domina QP, como mostrado em (18):

(18) [DegP Deg [QP Q [AP ]]]

A oração comparativa ou a oração consecutiva, por sua vez, seriam compostas à direita como adjuntos a DegP (Corver 2013), como representado em (19b) para (19a):

- (19) a. Fred was so utterly confused that he fell off the podium.
- b. Fred was [DegP [DegP [Deg' SO [QP utterly [Q[Q- ] [AP confused ]]]]] [CP that he fell off the podium]]

Aceitando esta análise, a parte relevante do exemplo (20a) teria a representação simplificada de (20b):

- (20) a. Eu estou tão terrivelmente cansada que não me consigo mexer.
- b. [DegP [DegP [Deg tão [QP terrivelmente [Q[Q-][AP cansada]]]]] [CP que não me consigo mexer]]

Como vemos, este tipo de análise dá conta diretamente da ordem superficial de palavras, evitando a extraposição, ao assumir que a consecutiva se adjuge à direita de DegP.

Contudo, esta análise enfrenta aparentemente um problema: como dar conta de orações comparativas e consecutivas em que só existe uma expressão de quantidade / grau em DegP? É o que acontece em Inglês nas comparativas com *more*, *less* (*She is more intelligent than we are*), e em Português, nas comparativas com *mais*, *menos* (*Ela é mais inteligente do que nós somos*), e nas consecutivas de *tanto* e *tantos* em Português (cf. (21)):



- (21) a. O atleta correu tanto que foi o primeiro a atravessar a meta.  
b. Ele ganhou tantas maratonas que se tornou famoso.

Como os exemplos (21) mostram, *tanto* apresenta uma forma invariável, de valor adverbial, em (21a) e um valor de quantificador em (21b), variando em número e género de acordo com o nome (*tantas maratonas*).

Para dar conta destes factos, propomos que o valor adverbial de *tanto* em (21a) é o resultado de este item de quantidade seleccionar um núcleo nulo, do mesmo modo que os determinantes são concebidos como pronomes quando seleccionam um complemento *pro*, isto é, quando há elipse nominal. Assim, veja-se o paralelismo entre (22a)<sup>3</sup> e (22b):

- (22) a. O atleta correu [DegP [DegP [Deg- ]i[QP [Q tanto ]i [AdvP - ]]] que foi o primeiro ...  
b. O atleta ganhou [DegP [DegP [Deg- ]i [QP [Q tantas<sub>i</sub> ] [NP maratonas ]]] que se tornou ...

Por outro lado, assumimos que tais núcleos quantificacionais devem ser relacionados com o núcleo de grau de algum modo. A hipótese que colocamos é a de que: (i) ou há elevação de Q para Deg de modo a validar o traço quantificacional não especificado (não interpretável) de Deg ou (ii) há herança de traços de grau pelo Q, sob condição de concordância local. Uma vez que os traços de grau são interpretáveis, pensamos que esta segunda hipótese, de herança de traços de grau pelo Q, é a solução mais adequada (cf. Chomsky 2013).

### 3. Orações consecutivas livres

As orações consecutivas incluem também aquilo que Giusti (1991), para o Italiano, chama consecutivas sem antecedente ou *consecutivas livres*. Álvarez (1999), para o Espanhol, inclui-as nas *consecutivas periféricas*. Ambos os autores assumem que a consecutiva está relacionada com toda a oração anterior.

---

<sup>3</sup> Um revisor levantou a hipótese de, em (22a), *tanto* seleccionar um NP, *pro*, em vez de um AdvP nulo. Note-se que neste exemplo, *tanto* assume um valor adverbial. Embora consideremos que a hipótese apresentada é muito interessante, pensamos ela que está fora do âmbito deste artigo, uma vez que coloca a questão de fundo da origem dos advérbios em português.



De acordo com Giusti, as consecutivas livres podem ocorrer como modificadores em posição de adjunto (como parece ser o caso de (23a)) ou como uma oração independente, como em (23b).

- (23) a. Stefano si è comportato male com il suo vicino, tanto / a tal punto che l'altro non gli rivolge più la parola.  
 b. Lavorò tanto. Quasi a tal punto che fu per lasciarci la pelle.

Pelo contrário, Álvarez (1999: 3765) só apresenta casos em que as consecutivas e a expressão quantificadora ocorrem em justaposição em relação à outra oração, como (24):

- (24) [...] su penúria de espíritu se agravaba com los años. Tanto que, quando se supo que Bayardo San Román queria casarse com ella, muchos pensaron que era perfidia de forastero.

Giusti considera que a maior diferença entre consecutivas de antecedente e consecutivas livres é que as primeiras são selecionadas por um modificador adverbial ou adjetival de um elemento da oração matriz, enquanto as segundas se comportam ou como uma oração adverbial (Giusti 1991:826) em adjunção à oração anterior, não dependendo de nenhum dos seus elementos, como em (23a), ou como uma oração independente relacionada com a oração anterior. Neste caso, a consecutiva livre é iniciada por um conetor consecutivo do tipo de *a tal punto*, (23b), ou *tanto* (cf. Giusti 1991:829, 831).

Por sua vez, Álvarez toma como consecutivas periféricas não só exemplos como (24), mas também como (25a, b), em que a expressão quantificada ocupa a posição inicial em relação à oração que modifica, formando um constituinte descontínuo em relação à oração de *que*:

- (25) a. Tanto fue un ejemplo su salvación que los franceses preguntaban como se había hecho.  
 b. Hasta tal punto la mística está en retroceso que la ciencia acude en su apoyo.



De acordo com a nossa visão, nem todos os exemplos apresentados por Álvarez devem ser considerados consecutivas livres. É claramente o caso de (25a, b), em que a expressão de grau / quantidade / intensidade não ocorre junto da consecutiva e faz parte da mesma frase complexa. De facto, consideramos que exemplos como (25a, b) são instâncias do que chamámos consecutivas com antecedente e que só diferem das consecutivas analisadas na seção 2. pelo facto de *tanto* e *hasta tal punto* quantificarem as situações expressas por toda a frase e ocuparem a primeira posição da frase complexa. Assim, a representação em (26) ilustra a análise proposta para os exemplos em (25):

(26) [DegP [DegP/QP {tanto/hasta tal punto} [TP] ] [CP que ... ]]

Tomaremos, pois, como representativos das consecutivas livres apenas exemplos do tipo de (23) ou (24), em Italiano e Espanhol, ou (27), em Português:

- (27) a. O misticismo está em retrocesso, {a tal ponto/de tal modo} que a ciência vai em seu apoio.  
b. O misticismo está em retrocesso. {A tal ponto/de tal modo} que a ciência vai em seu apoio.

Deste modo, assumimos que, nos exemplos em (27), uma relação de parataxe associa a frase precedente com a frase que contém os itens de grau / quantidade / intensidade e a oração consecutiva: em (27a) a relação paratática está graficamente representada pela vírgula; em (27b) o ponto final marca que duas frases independentes discursivamente ocorrem em justaposição.

Note-se ainda que em (27), as orações iniciadas por *a tal ponto / de tal modo* permitem recuperar o conteúdo da oração anterior, podendo ambas ser parafraseadas por (28), em que o conteúdo da primeira oração é retomado explicitamente pela frase justaposta contendo a consecutiva.



(28) O misticismo está em retrocesso. {A tal ponto/de tal modo} *o misticismo está em retrocesso* que a ciência vai em seu apoio.

Levantamos assim a hipótese de que as consecutivas livres são na verdade consecutivas com antecedente não-explícito<sup>4</sup>: a frase que contém as palavras de grau / quantidade / intensidade e a oração consecutiva exibe um constituinte elíptico, correspondente à expressão graduável da frase anterior, sobre o qual essas palavras têm escopo. A representação (29) ilustra a análise proposta. Em (29), ‘||’ representa uma pausa, mais ou menos forte:

(29) O misticismo está em retrocesso ||{a tal ponto/de tal modo} ~~o misticismo está em retrocesso~~ que a ciência vai em seu apoio.

A natureza paratática entre a frase dita consecutiva livre e a frase anterior pode ser atestada empiricamente. Com efeito, como é prototípico das frases coordenadas e justapostas, a alteração de ordem entre os termos relacionados produz resultados marginais<sup>5</sup>:

- (30) a. \*{A tal ponto/de tal modo} que a ciência vai em seu apoio, o misticismo está em retrocesso.  
 b. \*{A tal ponto/de tal modo} que a ciência vai em seu apoio. O misticismo está em retrocesso.

Adicionalmente, ambos os casos de (27) podem encontrar correspondentes em frases coordenadas não integradas<sup>6</sup> com a conjunção explicitamente realizada.

<sup>4</sup> Esta proposta apresenta semelhanças com análises avançadas para as relativas livres.

<sup>5</sup> Recorde-se que há casos em que a alteração das frases justapostas não produz frases inaceitáveis mas apenas com sentido diverso. É o que acontece nos exemplos seguintes em que a segunda frase assume em (i) um nexos conclusivo e em (ii) um nexos causal.

(i) Estava frio. Vesti o casaco. (Estava frio e, por isso, vesti o casaco).

(ii) Vesti o casaco. Estava frio. (Vesti o casaco porque estava frio).

<sup>6</sup> Sobre a coordenação não integrada, em especial a coordenação frásica parentética, veja-se Matos (2009) Colaço & Matos (2010), Matos & Colaço (2011).



- (31) a. O misticismo está em retrocesso, {e/mas} {a tal ponto/de tal modo} que a ciência vai em seu apoio.
- b. O misticismo está em retrocesso. {E/mas} { a tal ponto/de tal modo} que a ciência vai em seu apoio.

Sendo assim, baseados na alternância exibida em (27a) e (31a), admitimos que um exemplo como (27a) é um caso de coordenação assindética, afastando-nos de Giusti (1991), que sugere que a oração que inclui a consecutiva livre é uma oração subordinada adverbial adjunta. Por seu turno, as frases em (27b) são conectadas por justaposição e estabelecem entre si implicitamente um nexos coordenativo.<sup>7</sup>

Em suma, todos os casos de consecutivas livres apresentam um estatuto duplo, sendo simultaneamente hipotáticas e paratáticas: hipotáticas, porque a expressão elíptica graduada/quantificada é modificada por uma oração subordinada consecutiva; paratáticas, porque a frase independente que inclui a palavra de grau / quantidade e a consecutiva estão ligadas à frase anterior por uma relação de coordenação assindética ou de justaposição.

Até ao momento, os casos analisados assumiam que, na frase independente contendo a oração consecutiva, as palavras de grau / quantidade / intensidade tinham escopo sobre uma expressão elíptica que recuperava toda a frase anterior. Contudo, esta análise tem de ser refinada de modo a dar conta de exemplos como os seguintes, em que a expressão de grau / quantidade não afeta por inteiro a oração anterior mas apenas um constituinte no seu interior:

- (32) Os estudantes fizeram muitos trabalhos de investigação. Tantos que no fim do semestre estavam exaustos.
- (33) Tremem as mãos à avó. Tanto que já não consegue escrever.

---

<sup>7</sup> Note-se, no entanto, que há casos de justaposição que não têm correspondentes coordenados. É, por exemplo, o caso dos pares pergunta/resposta: (i) P: Vestiste o casaco? R: Estava com frio. (\*Vestí o casaco e estava com frio.)



Nos exemplos (32) e (33) as consecutivas contêm como antecedentes implícitos, presentes na expressão elíptica, os seguintes constituintes: *trabalhos de investigação* em (32) e *tremem* em (33), como ilustrado em (34):

(34) Os estudantes fizeram muitos trabalhos de investigação. [~~Fizeram~~ [tantos ~~trabalhos de investigação~~]] que no fim do semestre estavam exaustos.

(35) Tremem as mãos à avó. [~~pro-tremem~~ [tanto]] que já não consegue escrever.

O exemplo seguinte levanta um problema adicional: como explicar a ocorrência da forma invariável *tanto*?

(36) A – A epidemia propagou-se depressa.

B – Muito depressa?

C – Tanto que em dois dias a aldeia ficou contaminada.

Com efeito, dada a proximidade das sequências discursivas (36B) e (36C), seria de esperar que *tanto* incidisse sobre o Adv *depressa*. Porém, se *depressa* fosse explicitamente realizado em (36C), obteríamos uma expressão agramatical, como mostra (37a). Pelo contrário, se *tanto* incidir sobre o verbo, o resultado é gramatical:

(37) a. – \*Tanto depressa que em dois dias a aldeia ficou contaminada.

b. - Propagou-se tanto que em dois dias a aldeia ficou contaminada.

Concluímos, portanto, que em (36 C) *depressa* é ignorado e *tanto* gradua/quantifica o verbo da expressão elíptica antecedente:

(38) [~~pro propagou-se tanto~~] que em dois dias a aldeia ficou contaminada.



Finalmente, para dar conta das consecutivas livres iniciadas por *de tal modo*, *a tal ponto*, *tanto* ou *tantos*, acreditamos que elas se comportam de modo muito semelhante às consecutivas com antecedente. Com efeito, comparando os exemplos em (39), vemos que as expressões *de tal modo* / *a tal ponto* podem igualmente afetar um adjetivo graduável lexicalmente expresso, como em (39a), ou um adjetivo graduável elíptico, como em (39b):

- (39) a. A menina está alta. Está {de tal modo / a tal ponto} alta que a roupa já não lhe serve.  
 b. A menina está alta. {De tal modo / a tal ponto} que a roupa já não lhe serve.

Note-se que em Português as expressões intensificadoras *de tal modo*, *a tal ponto* podem alternar com *de modo tal*, *a um ponto tal*, diferindo na posição de *tal* relativamente a *modo* e *ponto*. Assumimos que *modo* e *ponto* são compostos (*merged*) em Deg e *tal* é composto em Q, originando *modo tal*, *ponto tal*, mas que *tal* se eleva para Deg originando *tal modo*, *tal ponto*. Quanto às consecutivas livres iniciadas por *tanto* e *tantos*: *tanto(s)* é composto em Q e herda os traços de Deg. Em ambos os casos, Q seleciona um constituinte elíptico: TP, AP ou VP, quando intensificado por *de tal modo*, *a tal ponto*; um NP, quando o Q é *tantos*; ou um ADVP quando o Q é *tanto*. Todos estes mecanismos são descritos em (40):

- (40) a. [DegP [DegP [Deg tal ] [modo / ponto] [QP [Q tal ] [XP]]] [CP]]  
 b. [DegP [DegP [Deg +Deg i] [QP [Q tanto(s) Deg i ] NP/ADVP ø]]] [CP]]

Sendo assim, estamos a propor que, para os dois tipos de consecutivas, as chamadas consecutivas com antecedente e as consecutivas livres, é possível uma análise unificada.

#### 4. Conclusões principais

Todas as construções que analisámos são orações consecutivas, uma vez que exprimem uma dependência semântica característica deste tipo de orações: a segunda oração é interpretada



como o resultado ou consequência da quantificação sobre propriedades, entidades, predicados ou situações expressa na primeira oração.

Concluimos que tanto nas consecutivas com antecedente como nas consecutivas livres o conector *que* se comporta como um complementador que introduz um CP.

Por sua vez, este CP está semanticamente relacionado com uma expressão de grau/quantidade. Assim, adotamos, a hipótese de Kennedy (1997, 1999) e de Corver (2013) de que as consecutivas são CPs adjuntos, modificadores de DegP, que formam uma unidade ao nível de FL com a expressão de grau / quantidade.

Para as chamadas consecutivas com antecedente, adotamos a hipótese do “grau cindido” de Corver (1993, 1997a, b 2013), que tem a vantagem de separar palavras de grau de tipo determinante e palavras de grau de tipo quantificador.

Em ambas as consecutivas a expressão de grau / quantidade afeta um constituinte graduável de categoria variável. Contudo, enquanto nas consecutivas com antecedente tal constituinte ocorre lexicalmente realizado na frase complexa a que pertence a consecutiva, nas consecutivas livres o constituinte graduável é elidido e o seu conteúdo é recuperado pela oração anterior, com a qual a oração consecutiva está parataticamente relacionada. Com efeito, as consecutivas que chamamos livres caracterizam-se por três grandes propriedades: (i) elas incluem uma oração subordinada que modifica um constituinte elítico afetado pela expressão de grau / quantidade; (ii) a expressão de grau / quantidade ocorre aparentemente junto da oração que contém a consecutiva; (iii) a oração que inclui a expressão de grau / quantidade e a consecutiva estabelecem uma relação de parataxe com a oração que a precede.



## Referências

- Abney, Stephan (1987) *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Álvarez, Alfredo (1999) Las construcciones consecutivas, in Ignacio Bosque & Violeta Demonte (1999) (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, vol. III, 3739-3804.
- Bhatt, Rajesh & Pancheva, Roumyana (2004) Late Merger of Degree Clauses, *Linguistic Inquiry* 35, 1-45.
- Bresnan, Joan (1973) The syntax of the comparative clause construction in English. *Linguistic Inquiry* 4, 275-343.
- Brito, Ana Maria (2003) Orações consecutivas. In M.H. Mateus, A.M. Brito, I. Duarte, I. Faria, I. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa: Caminho, 754-762.
- Brito, Ana Maria & Matos, Gabriela (2016) Consecutive clauses in European Portuguese: a syntactic approach. In Fernanda Pratas, Sandra Pereira & Clara Pinto (eds.) *Coordination and subordination: form and meaning - selected papers from CSI Lisbon 2014*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 45-68.
- Chomsky, Noam (2013) Problems of projection. *Lingua* 130, 33-49, [www.elsevier.com/locate/lingua](http://www.elsevier.com/locate/lingua)
- Colaço, Madalena & Matos, Gabriela (2010) Estruturas coordenadas sem especificador realizado em português europeu. *Diacrítica* 24 (1), 267-288.
- Corver, Norbert (1993) A Note on Subcomparatives. *Linguistic Inquiry* 24 (4), 773-781.
- Corver, Norbert (1997a) Much-Support as a Last Resort. *Linguistic Inquiry* 28 (1), 119-164.
- Corver, Norbert (1997b) The internal syntax of the Dutch extended adjectival projection. *Natural Language and Linguistic Theory* 15, 89-368.
- Corver, Norbert (2013) Lexical categories and (extended) projection. In M. Den Dikken (ed.) *Handbook of Generative Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 353-424.
- Cunha, Luís Filipe, António, Leal, & Purificação, Silvano (2010) Some Issues on Quantification in Consecutive Clauses. *Verbum – Revue de Linguistique* 29 (3), 319-334.



- Fonseca, Joaquim (1994) Pragmática e sintaxe-semântica das consecutivas. In Fonseca, J. (1994) *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora, 133-195.
- Fox, Danny (2002) Antecedent-contained deletion and the copy theory of movement. *Linguistic Inquiry* 33, 63-96.
- Fox, Danny & Nissenbaum, Jon (1999) Extraposition and scope: A case for overt QR. In S.Bird, A. Carnie, J. Haugen & P. Norquest (eds.), *WCCFL 18*. Somerville, Mass.: Cascadilla Press, 132 – 144.
- Giusti, Giuliana (1991) Le frase consecutive. In L. Renzi & G. Salvi (eds.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, Bologna: Il Mulino, volume II, 820-827.
- Grosu, Alexander & Horvath, Julia (2006) Reply to Bhatt and Pancheva’s “Late Merger of Degree Clauses”: The Irrelevance of (Non)conservativity, *Linguistic Inquiry* 37 (3), 457-483.
- Heim, Irene (2000) Degree Operators and scope, *SALT X*, Cornell University, 40-64.
- Kennedy, Chris (1997) *Projecting the Adjective: the Syntax and Semantics of Gradability and Comparison*. PhD. Dissertation. University of California at Santa Cruz.
- Kennedy, Chris (1999) *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. New York: Garland Press,
- Marques, Rui (2013) Construções de grau. In Raposo, R.P. et al. (eds.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Gulbenkian, vol. II, 2141-2173.
- Martinho, Fernando (2007) *Sintaxe e semântica dos adjetivos graduáveis em Português*, Ph.D. Diss., Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Matos, Gabriela & Colaço, Madalena (2011) Floating parenthetical coordinate clauses. In Berns, J., H. Jacobs & T. Sheer (eds.) *Romance Language and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 203-221.
- Matos, Gabriela & Brito, Ana Maria (2002). On the syntax of canonical comparatives in European Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (1), 41-81.



Matos, Gabriela & Brito, Ana Maria (2008) Comparative clauses and cross linguistic variation: a syntactic approach. In Bonamy, Oliver & Patricia Cabredo Hofherr (eds.) *Empirical Issues in Syntax and Semantics* 7, 307–329. <http://www.cssp.cnrs.fr/eiss7>

Van Riemsdijk, Henk (1998) Head movement and adjacency. *Natural Language and Linguistic Theory* 16 (3), 633 – 678.

